

OPINIÃO

Operação na saúde: do risco cibernético à resiliência

Claudio Bannwart (*)

A indústria da saúde vive um momento de transformação acelerada na forma de prestar cuidados.

Os pacientes buscam experiências intuitivas, mas a confiança no sistema médico segue frágil. Dificuldade para agendar consultas, diagnósticos equivocados ou falhas de comunicação entre prestadores fazem essa confiança diminuir rapidamente. Segundo dados do programa Mais Dados Mais Saúde, 46,9% da população não busca atendimento médico por conta da superlotação e demora no atendimento. As expectativas dos pacientes convergem com as dos médicos, que querem trajetórias de cuidado mais integradas, maior eficiência e melhores resultados clínicos.

Nesse movimento, os hospitais avançam rapidamente na digitalização: conectam dispositivos, adotam IA e migram registros e fluxos de trabalho para a nuvem. A transformação digital que percorre o setor promete cuidados mais inteligentes, ágeis e personalizados. Mas isso também significa que cada sistema – do agendamento à radiologia – agora depende de acesso digital contínuo a um volume crescente de informações altamente sensíveis. É nesse ponto que a indústria da saúde corre o risco de perder o equilíbrio. A cada avanço digital, a exposição ao risco aumenta. O acesso aos dados é crucial, mas a proteção desses dados é essencial.

A corda bamba

A saúde é uma das indústrias mais visadas por criminosos cibernéticos. Os dados que o setor reúne são extremamente valiosos: registros de saúde trazem um conjunto completo de informações de identificação pessoal, muitas vezes incluindo histórico médico e dados financeiros. Isso atrai criminosos que podem explorar essas informações para fraude, roubo de identidade ou chantagem.

O problema é que os sistemas que armazenam esses dados – e pelos quais os profissionais de saúde dependem para acessá-los – enfrentam limitações sérias. Sistemas legados e dívida técnica tornaram-se passivos que deixam as organizações de saúde vulneráveis. Registros eletrônicos de saúde com décadas de uso, mainframes e aplicações customizadas são difíceis de atualizar ou integrar a novos fluxos de trabalho. Ao mesmo tempo, soluções emergenciais adotadas durante a pandemia, especialmente VPNs acopladas a redes antigas, deixaram como herança fragilidades e lacunas de segurança.

Esse conjunto de ferramentas legadas se traduz em uma proliferação de sistemas sobrepostos, que fragmentam a visibilidade, elevam custos e comprometem a confiabilidade contínua da qual a área da saúde depende. Dados altamente valiosos combinados a uma infraestrutura pouco preparada criam o cenário ideal para atrasos em diagnósticos, interrupções em planos de tratamento e perda de confiança por parte dos pacientes.

Risco digital

Quando o assunto é risco na saúde, as consequências vão muito além de multas ou danos à reputação. Sistemas críticos fora do ar colocam vidas em risco, e a exposição de registros sensíveis corrói a confiança dos pacientes.

O ransomware é uma das ameaças mais graves. Quando médicos perdem acesso a ferramentas essenciais ou pacientes enfrentam atrasos no atendimento, a pressão para pagar aumenta, e cada pagamento fortalece as redes criminosas por trás desses ataques. O modelo de ransomware-as-a-service tornou mais simples lançar operações sofisticadas, ampliando violações e alimentando um ciclo contínuo de cibercrime. E o ransomware é apenas uma entre várias técnicas usadas. De roubo e extorsão de dados à interrupção de serviços, basta uma violação bem-sucedida para paralisar o cuidado. A exposição de funcionários internos e terceiros amplia ainda mais a vulnerabilidade: equipes sobrecarregadas, contratados e parceiros estendem a superfície de ataque, e um único clique ou credencial reutilizada pode abrir caminho para invasores.

A rápida adoção da IA também cria pontos de fuga, com informações sensíveis circulando em prompts, respostas e ferramentas “sombra” sem supervisão ou controles adequados. Juntas, essas pressões formam um cenário de risco complexo, que as defesas de perímetro tradicionais e as ferramentas isoladas não conseguem acompanhar.

Segurança para o cuidado moderno

A digitalização ampliou o uso de dados na saúde e expôs fragilidades que ferramentas isoladas não conseguem conter. Quando sistemas operam sem integração, o risco circula pelo ambiente e ameaça a continuidade do cuidado.

O modelo Secure Access Service Edge (SASE) responde a esse desafio ao unificar rede e proteção de dados em uma única estrutura na nuvem. Ele oferece visibilidade consistente, reúne controle de acesso e prevenção de ameaças e organiza a proteção em torno do usuário e das informações. A abordagem de confiança zero reforça esse controle ao avaliar identidade, comportamento, postura do dispositivo e sensibilidade dos dados antes de liberar qualquer acesso. A proteção de dados em linha completa essa arquitetura ao bloquear movimentações inadequadas em nuvem, SaaS e tráfego web — algo essencial em um setor que lida com informações clínicas altamente sensíveis.

Com essa unificação, as empresas do setor reduzem atritos operacionais, fortalecem a resiliência e tratam o risco de maneira coerente, sem comprometer o avanço tecnológico que sustenta o cuidado moderno. Esse é o passo que permite à saúde digital evoluir com segurança, estabilidade e confiança.

(*) Country manager da Netskope no Brasil.

Parece que o Vision Pro da Apple está flopando

As vendas decepcionantes do headset Vision Pro teriam forçado a Apple a cortar a produção do dispositivo, com o qual a empresa esperava inaugurar uma nova era da chamada “computação espacial”.

Vivaldo José Breternitz (*)

Segundo dados divulgados pelo *Financial Times*, o investimento em marketing para o produto caiu mais de 95% no ano passado; enquanto iPhones, iPads e MacBooks seguem vendendo milhões de unidades a cada trimestre, analistas apontam que o Vision Pro, com preço mínimo ao redor de US\$ 3.600, tem baixa procura.

A Apple não divulga números, mas a International Data Corporation (IDC) estima que apenas 45 mil unidades teriam sido comercializadas no último trimestre de 2025. A IDC acrescenta que a chinesa Luxshare, que fabrica o dispositivo, interrompeu a produção no final de 2025, e que a Apple mantém vendas diretas em apenas 13 países. O aparente fracasso do Vision Pro lembra o destino do Google Glass em 2013, quando seus usuários eram chamados “glassholes”, um termo chulo.

Apesar dos tropeços, empresas de tecnologia continuam apostando em óculos inteligentes. A Apple talvez lance uma versão mais barata do Vision Pro ainda em 2025, mas seu foco agora se desloca para dispositivos wearables habilitados para inteligência artificial.

Lançado em 2023, o Vision Pro foi apresentado como um marco tecnológico. Na ocasião, o CEO Tim Cook afirmou: “Seu entorno se torna uma tela infinita... O Vision Pro mistura conteúdo digital ao espaço ao nosso redor. Ele nos apresentará à computação espacial”.

Entretanto, consumidores queixam-se do preço elevado e críticos reclamaram do peso, do desconforto e da falta de



utilidade prática. Houve até preocupação quando usuários foram flagrados dirigindo com o headset. Mesmo entusiastas reconhecem que o aparelho tem apelo restrito.

Outro fator é a escassez de aplicativos: são cerca de 3.000 disponíveis para o Vision Pro, número considerado modesto em comparação com a explosão de apps após o lançamento do iPhone em 2007.

Para o analista Erik Woodring, do Morgan Stanley, “o custo, o formato e a ausência de aplicativos nativos para o Vision OS explicam por que o Vision Pro nunca alcançou vendas em massa”.

Em um “portinglês” capenga, parece que o Vision Pro está flopando...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vnitz@gmail.com.

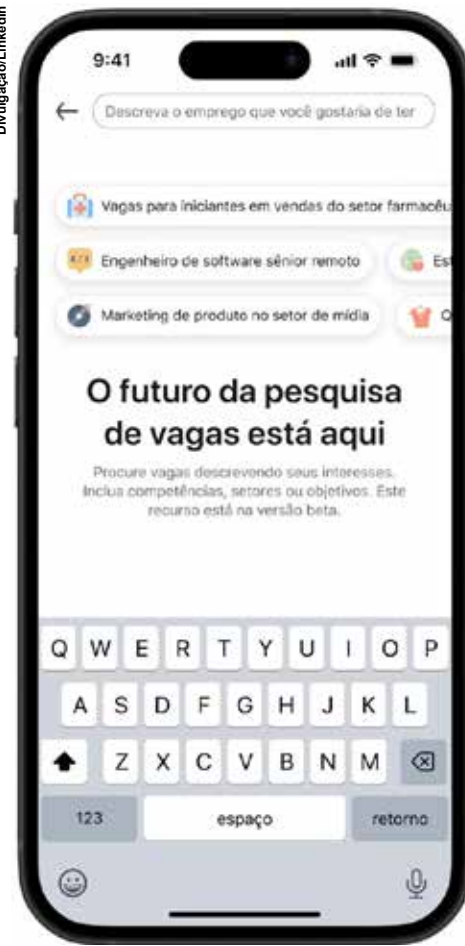
LinkedIn lança busca avançada com IA para facilitar a procura por oportunidades

O LinkedIn, maior rede social profissional do mundo, está expandindo globalmente – inclusive em português – a sua nova ferramenta de busca baseada em termos do dia a dia, que utiliza inteligência artificial para transformar a maneira como profissionais encontram vagas na plataforma. A experiência já conta com mais de 1,3 milhão de usuários(as) ativos(as) por dia, somando mais de 25 milhões de buscas semanais em inglês em todo o mundo, e começou a ser disponibilizada neste mês em português.

O diferencial da nova busca é permitir que as pessoas utilizem frases simples e cotidianas para procurar vagas, sem a necessidade de adaptar o vocabulário ao formato tradicional das plataformas de recrutamento. O objetivo é ampliar o acesso a oportunidades, mesmo para quem não domina termos técnicos ou estratégias específicas de busca.

Ao encontrar uma vaga de interesse, o profissional pode ainda contar com o recurso de compatibilidade entre perfil e oportunidade, que mostra quais cargos têm mais aderência às suas habilidades – ajudando a focar em candidaturas mais estratégicas, com maior chance de sucesso.

“A nova busca por inteligência artificial representa um avanço importante na forma como usamos a tecnologia para tornar a busca por emprego mais acessível, eficiente e alinhada às reais necessidades dos(as) profissionais. Ao simplificar a forma de



pesquisar e oferecer recomendações com base em dados e habilidades, conseguimos reduzir barreiras que antes limitavam o acesso a oportunidades qualificadas. Em um cenário de alta competitividade e transformação acelerada, o papel do LinkedIn é justamente apoiar essa jornada com soluções tecnológicas que conectem o potencial das pessoas às exigências concretas do mercado”, afirma Milton Beck, Diretor Geral do LinkedIn para América Latina e África.

Nesse contexto, o Brasil se destaca entre os países com maior uso de inteligência artificial como aliada na busca por oportunidades.

- 39% já usaram ou planejam usar IA para personalizar seus currículos;
- 35% utilizaram ou planejam utilizar a tecnologia para identificar habilidades compatíveis com vagas;
- 32% recorreram ou pretendem recorrer à IA para encontrar oportunidades de emprego.

Além disso, 63% dos participantes da pesquisa relatam que o uso dessas ferramentas aumenta sua confiança no momento das entrevistas. Eles também veem na IA uma aliada para promover mais equidade nos processos seletivos: 60% acreditam que a tecnologia pode padronizar entrevistas e ajudar a reduzir vieses humanos nas contratações.

News @ TI ricardosouza@netjen.com.br

CGI.br envia recomendações à ANPD para aprimorar a aplicação do ECA Digital

@O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) apresentou contribuições à Tomada de Subsídios aberta pela Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD), que foi designada para assegurar o cumprimento do Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (Lei n. 15.211/2025). A consulta à sociedade é uma forma de aprimorar e esclarecer termos, conceitos e expressões previstos na nova legislação, popularmente conhecida como ECA Digital. No documento encaminhado à autarquia, o Comitê elogiou a iniciativa, afirmando que, com a Tomada de Subsídios, a sociedade terá a chance de contribuir para uma aplicação mais precisa, uniforme e juridicamente segura da lei. Para ler na íntegra as contribuições do CGI.br, acesse (https://cgi.br/media/docs/publicacoes/4/pt-br/20251215152052/Contribuicoes_CGIBr_Tomada_Subsidios_ANPD_ECA_Digital.pdf).